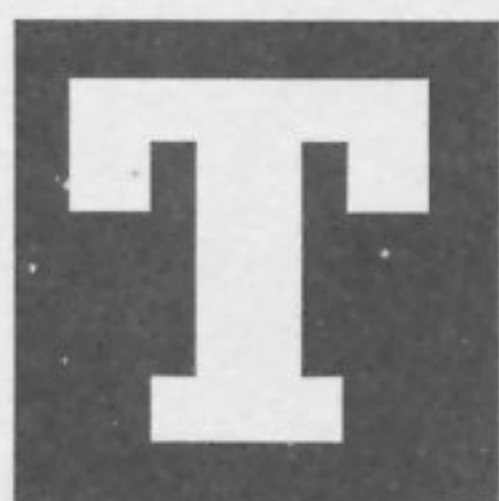


Sociologias, Porto Alegre, ano 2, nº 3, jan/jun 2000, p.326-339

Rocco e seus irmãos

OCTÁVIO IANNI

Professor da
Universidade de
Campinas,
São Paulo



odo aquele que migra, sabe de onde parte mas não sabe aonde chega; sabe o caminho que deixa mas não sabe o que encontra. Lança-se em uma travessia sem fim, acreditando-se sempre o mesmo, mas pouca vezes dando-se conta de que preserva e transforma, reafirma e transfigura, afina e desafina. Lá longe, em outro lugar, país ou continente, continua a rememorar a partida e o caminho percorrido, recriando situações, pessoas, vivências, imagens, diálogos, sentimentos, memórias, fragmentos. É assim, com recordações e esquecimentos, que o migrante nutre a nova situação, seja ela de êxito ou frustração.

Está impregnado de um passado que nunca se apaga. Mesmo quando é esquecido. Ressoa sempre, contínua e episodicamente, nas coisas, gentes, situações, sentimentos, imaginários, sonhos e alucinações. Esse é um passado que povoa o presente, seja qual for a geração. No contraponto do presente e passado, passado e presente, aos poucos se dá a metamorfose das adversidades em façanhas, de biografia em gesta, da história em mito.

E o presente se impõe como uma realidade viva, inquestionável. Pode ser prosaico, estranho, assustador ou fascinante. Aí acontece o êxito e a realização, tanto quanto o desespero e a alucinação.

Rocco e seus irmãos é um filme sobre a migração de uma família de Lucania para Milão. Aí estão em causa o sul e o norte, o *terrone* e o *polentone*, o campo e a cidade, a comunidade e a sociedade. Simultaneamente, aí estão em causa a urbanização e a individuação, o trabalho e a profissão, o êxito e a frustração, a diligência e a delinquência. Fogem do passado para o presente.

A cidade é o palco em que se movem todos, de determinados a atônitos. Aí, buscam localizar-se, estabelecer pontos de referência, criar as condições mínimas de sobrevivência, descortinar dias melhores. Querem trabalho e bem-estar. Estão fugindo de séculos de servidão.¹

Vicenzo fora o primeiro, chegara antes, estava empregado, fizera amigos, namorava. Sabia da família lá longe; que o pai havia morrido; que a mãe lutava com os outros filhos para sobreviver na adversidade reverberando difíceis condições de trabalho na terra. Surpreende-se com a chegada da família, como se fosse algo não só inesperado mas fora de hora, indesejado. Foi como um terremoto, abalando a situação em que ele se achava. Em vez de continuar o migrante solitário que se situava aos poucos, teve de assumir-se como filho e irmão.

Mas, mãe... Por que a senhora não me escreveu dizendo que vinha com todo mundo? Quando aconteceu a morte de meu pai a senhora me escreveu... E eu respondi que primeiro era preciso ver se havia trabalho... pra eles... e depois... (Visconti, 1967).

Rosaria é a mãe sempre vestida de preto, guardando luto por toda

¹ Além do "Roteiro de Filmagem", o livro reúne estudos de vários autores italianos sobre esse filme e a filmografia de Visconti.

a vida, em memória do marido, Antonio, falecido lá longe, no paese . Decidiu migrar para a cidade para que os filhos pudessem empregar-se, profissionalizar-se, desfrutar de alguma segurança econômica, realizar-se. Trouxe os quatro que com ela estavam, para que seguissem o caminho de Vincenzo, que já havia percorrido anteriormente esta estrada, em busca da cidade. Em pouco tempo, no entanto, ela se dá conta de que a cidade é labiríntica e turbulenta.

É minha a culpa por tudo isso que está acontecendo? É minha a culpa se tive a ambição de trazer meus filhos, belos e fortes, pra cidade, pra que ficassem ricos e ganhassem importância sem se envilecerem presos à terra como o pai, esmagado cem vezes antes de fechar os olhos pra sempre? ... Teu pai nunca quis deixar aquela terra. Mas eu sim. Quis por causa de Vincenzo, e de Simone, e de Rocco. E nem sei o que é que desejava pra eles. O mundo inteiro teria me parecido pouco. A certa altura pensei ter conseguido aquilo que sonhava... Meu Rocco foi-se embora, e seus olhos parecem os olhos de quem viu o inferno. Simone caiu nas mãos de uma mulher da vida. Maldito o dia em saí da terra de teu pai! Jesus Cristo ainda há de ter remorso por tudo aquilo que nos faz sofrer! (Visconti, 1967, p. 251 e 286).

Simone é vivo, esperto, ágil, instintivo, com senso de oportunidade

e facilidade. Logo se insere na academia de box como pugilista. Aí alcança êxito, desfruta da boêmia e do dinheiro fácil, protegido pelo diretor da academia, que admira o seu porte apolíneo. Conhece Nadia e se apaixona, mulher independente, solitária, experiente, urbana, combinando vivacidade, sabedoria, discernimento e carência de afeição. Sim, Simone logo se urbaniza e se situa na grande cidade, revelando-se muito à vontade, não só na academia e no pugilismo como também na agilidade e labialidade com que lida com tudo o que é urbano, podendo ser episódico, descompromissado, irresponsável, nocivo, solitário, desesperado.

Não vim me congratular contigo por teus sucessos. Não me interessa ninguém. Quero somente dinheiro. Tudo o que tiver. Logo... Tenho de ir-me embora. Logo... É sangue. Ela se agarrou em minhas costas. Não queria me largar. Não queria morrer... Ninguém me viu e não há razões para que suspeitem de mim (Visconti, 1967, p. 282-283).

Rocco é a encarnação dos ideais da mãe, e do pai ausente, buscando sempre manter todos em comunhão, junto com a mãe, no espírito da migração, tentando fazer com que a família realize a missão pela qual se pôs na estrada. É assim que se ajusta no mundo urbano, movendo-se nas diferentes atividades, inclusive no pugilismo, a despeito de não gostar disso. Para garantir o clima da comunidade, engaja-se na sociedade, no labirinto turbulento. De repente está apaixonado por Nadia, que descobre nele o amor e a amizade, a transparência e a felicidade. Rocco tem algo de santo

(Mantém uma atividade compreensiva, concentrada na família - a comunidade originária enraizada no cristianismo primordial – e se empenha nisso). Tanto é assim que se deixa brutalizar por Simone, para salvá-lo, inclusive fazendo com que Nadia volte para ele, para salvá-lo até mesmo chorando desesperado com ele, após o assassinato de Nadia, para salvá-lo.

Ciro. Ouve. Eu não creio na justiça dos homens. Não é para nós... Devemos só defendê-lo... Ajudá-lo... Para que servirá? Quem nos escuta? Todos inimigos. Eis o que nos tornamos: uma família inimiga. Mas, por que blasfemar? Nós erramos e nós devemos pagar. Devemos pagar (Visconti, 1967, p. 285-286).

Ciro logo se torna operário. Move-se com confiança e desempenho na profissão, empregado na indústria automobilística. Está situado, comprometido com a família e preocupado com os desvios de Simone, enquanto Rocco se empenha em proteger e salvar Simone, inclusive das transgressões contra si próprio. Mais integrado na cidade, **Ciro** vê os problemas da família e o contraponto Simone e Rocco com o olhar realista, certo distanciamento crítico, uma visão política. Coloca o dilema “Simone” em termos nítidos, relembrando algo da sabedoria antiga, lá da terra.

Irmãos ou não, eu não quero mais saber dele... Nós somos como sementes do mesmo saco... Sementes que devem por sua vez dar frutos sãos. Se em nosso meio há um que se

torna mau, podre, transviado, é preciso separar dos outros como quando mamãe nos dava lentilhas para catar... (Visconti, 1967, p. 252).

Ciro parece ter uma visão mais política dos problemas da família. Sua experiência de operário, simultaneamente urbano, movendo-se na sociedade atravessada por diversidades e desigualdades, permite-lhe ver com clareza, ou frieza, aspectos importantes dos impasses da família, da tragédia em formação. E comenta com Luca o desfecho do acontecido.

Quando você ficar grande, vai compreender que foi injusto comigo... Foram todos injustos... Nenhum de vocês quis tanto bem a Simone quanto eu. Quando chegamos do sul, eu tinha a tua idade. Foi Simone quem me explicou aquilo que Vincenzo não entendeu. Simone me dizia que nós lá no sul tínhamos vivido como animais, dependendo do humor e da generosidade de um patrão. Me explicou que era preciso aprender a fazer valer nossos direitos depois de ter aprendido a conhecer nossos deveres. Depois, Simone esqueceu dessas coisas. Eu procurei aprender a conhecer meus direitos e meus deveres... Eu não o denunciei, mas é como se tivesse feito. Simone é um doente que suja tudo. Espalhou o ódio e a discórdia em nossa casa... E também te estragava, quando podes

vir a ser o melhor de todos nós porque aprenderás com nossa experiência. A malvadez dele é tão nociva quanto a bondade de Rocco. Isso te parece estranho? É assim, Rocco é um santo. Mas no mundo em que vivemos, na sociedade que os homens criaram, não há mais lugar para santos como ele. A piedade dele provoca desastres (Visconti, 1967, p. 288-289).

Luca é o menino que vê, vive e sente os acontecimentos, as tensões, os conflitos, as aflições, os contentamentos e os sofrimentos, principalmente como espectador. Alegria-se e sofre com um e outro e todos. Também ele migrou de Lucania e pensa um dia regressar, imaginando que Rocco voltará. Em Luca ainda continuam a ressoar as diferentes vivências do campo, como memória idealizada, refúgio de tranquilidade ou lugar da transparência, difíceis ou impossíveis na cidade. Mas Ciro, generoso e lúcido, lhe diz que talvez já não seja a mesma.

Se Rocco voltar para nossa terra, diz Luca, volto com ele. Não penso que Rocco consiga voltar nunca para lá, responde Ciro. E o que pensa que pode encontrar de diferente naquela zona? Também nosso lugarejo há de transformar em grande cidade, onde os homens aprenderão a fazer valer seus direitos e cumprir com seus deveres. Eu não sei se um mundo assim é belo... (Visconti, 1967, p. 289).

Nadia é uma expressão viva, ágil, à vontade, do mundo urbano, das fímbrias entre o dia e a noite, o permitido, o tolerado e a transgressão, o

desfrute e a paixão. Busca o diálogo, a compreensão, o amor. É vivida, experiente e carente, nos termos da cultura da cidade, o teatro no qual perambulam desconhecidos e conhecidos, amigos e irreconhecíveis. Combina algo de ceticismo com resignação, em busca de nesgas de romantismo. Depois de estar afastada de Simone, com quem havia rompido há tempos, aproxima-se de Rocco. Sente-se fascinada por sua personalidade e generosidade, uma imensa capacidade de compreensão. Apaixona-se. Daí nascem o ciúme, o ressentimento e a vingança de Simone, que a assassina. É como se o camponês, enraizado em suas tradições seculares, de repente pulasse daquele pugilista lumpenizado, que rapidamente se havia urbanizado e também rapidamente se entrega à vendetta originária, primordial.

Que é? Te impressiona tanto assim que uma pessoa qualquer tenha andado presa? Olha que não é tão estranho assim... Afinal, não sou a única no mundo – acrescenta, conversando com Rocco. O que é que devia te dizer? Sabe muito bem de tudo. O que tive com Simone foi o mesmo que todos os outros. Não te escondi nada. Sabia de tudo. Não menti. Eu te disse tudo. E acrescenta, no diálogo final com Simone: Não tenho medo... É dinheiro que quer? Ir embora? Pra onde? Contigo? Está maluco. Olha Simone, me deixa em paz... Não pode saber como te odeio... Tu és uma pessoa vil, um animal, não um homem... Tudo o que cai nas tuas mãos fica vulgar, porco, estragado... Agora, pode

fazer o que quiser, nada mais me importa
(Visconti, 1967, p. 200, 231, 272-275).

Tudo na gesta da família Parondi é vivência. Sucedem-se as situações, atividades, realizações, frustrações, ilusões. São experiências individuais e coletivas, reais e imaginárias, presentes e pretéritas. Este o emaranhado no qual se revelam as mais diversas formas de consciência. A despeito da impressão de que todos vivem a mesma situação, são distintas as modulações da consciência em cada um. Este o enigma da metáfora *somos como os cinco dedos da mão*. Poderiam estar não só juntos, mas unidos, em conformidade, convívio, harmonia. Mesmo porque a mãe é a maestra buscando sempre acomodar cada um e todos, como as vozes de um coro, as vibrações da melodia. Mas a polifonia logo explode em cacofonia. Cada um fala, pensa, sente e age diferente. Mesmo Rocco, revelando-se figuração da mãe e da memória do pai, mesmo assim, a cacofonia não só continua como se torna estridente, desesperante. Daí a nostalgia ressoando de quando em quando, como um eco de um mundo pretérito.

Oxalá nunca tivéssemos vindo de nossa terra... Mas o fato é que esse era nosso destino. O teu, o meu, o de Simone, diz Rocco a Ciro. E este responde: Mas pensa que vida seria a nossa se ficássemos lá. E Rocco retorna: Estávamos ainda todos unidos (Visconti, 1967, p. 252-253).

Depois de longa jornada, desde lá longe até o desconhecido norte, do campo à cidade, a família Parandi chega tensa e cansada, mas contente

e transparente. Todos se comunicam rápida e facilmente. O estado de espírito é fluente, a despeito das incertezas sobre como, onde e quando situar-se na grande cidade. Logo se engajam no vaivém da cidade, da busca do emprego, de alguma base para organizar a vida. Salvo o menor, que ajuda a mãe na casa e contracena com os irmãos no vaivém, os outros movem-se, buscam, situam-se. E desenvolvem contatos com diferentes pessoas e organizações. Multiplicam suas relações. Redefinem-se, assumindo-se no estranho mundo da cidade, todos em atividades subalternas. Aos poucos, no entanto, surgem divergências, desentendimentos, desencontros, atritos. Afastam-se e dispersam-se, a despeito de continuarem a pertencer ao mesmo núcleo, estarem referidos ao mesmo lugar, circularem à volta da mãe. De repente, revelam-se alheios, distantes, estranhos. A transparência se apaga na opacidade. É como se de repente viesse à tona algo que estivera encoberto, escondido, à espreita. O que parecia uma balada torna-se uma dança macabra.

O principal palco dessa história é a *família*, reverberando o que havia no campo e o que há na cidade. No seio da família medram o sentimento e o sofrimento, a alegria e a dor, a esperança e a decepção. O que pode ser comunhão pode ser também alucinação. Tudo o que ocorre lá longe, no campo, terra ou sul, na realidade ou na memória, tudo ressoa na família. Ela nasce, desenvolve-se, transforma-se e perdura como ilusão de comunidade, sendo simultaneamente um ambiente de ressonâncias de muito do que acontece na cidade. Está sempre atravessada e desafiada pelas tensões que medram na sociedade, mas subsiste pertinaz como a comunhão da comunidade. Subsiste como compromisso e aspiração, em meio ao torvelinho que se desenvolve todo o tempo na cidade. Aos poucos, ela se tensiona e modifica, esgarça e desfaz. Mas todos reiteram a presença, reafirmam a

comunhão que alimenta a transparência da comunidade, podendo também germinar as surpresas da dispersão.

São todos, os irmãos, a mãe e Nadia, figuras e figurações da mesma gesta, uma trajetória errática, uma travessia sem fim, um fluxo contínuo de inquietações, discernimentos, sofrimentos, aflições. Estão sendo levados pelo destino, preparados e preparando-se para o desfecho que se forma nos interstícios do cotidiano da casa e da cidade.

A tragédia se cumpre inexorável. Ninguém pode nada contra ela. Abate-se sobre Nadia, Simone, Rocco e todos, avassaladora. Ninguém está imune. Todos são convocados pelo destino. Resta somente entregar-se, sem qualquer resistência, inerme. E chorar. O pranto convulsivo e desesperado de Simone e Rocco é o fundo do abismo e o cume da montanha. Aí se instaura o silêncio, um vasto silêncio cobrindo a casa e a cidade.

Uma tragédia em 5 atos, assim nomeados: "Vicenzo", "Simone", "Rocco", "Ciro", "Luca"; atravessada pelas vozes de "Rosaria" e "Nadia", fazendo coro, vaticinando inexoráveis irrupções do destino. Esta é uma tragédia que vai fundo no espaço e no tempo. Mergulha no sul e no norte, na comunidade e na sociedade, na memória e no esquecimento, na história e no mito. Lá longe, no fundo do esquecimento e do mito, está Lucania, de onde vieram os Parondi. É o sul, o *meridióne*, a terra remota, pretérita. Aí, em outros tempos, estiveram os romanos, os gregos, os árabes, os espanhóis, como povoadores e aventureiros, conquistadores e piratas, escravos e senhores, homens e deuses. É como se os Parondi estivessem espiando façanhas antigas, rebeldias míticas. Um destino desconhecido, um enigma perdido no fundo dos tempos.

Todo migrante é também viandante, peregrino, fugitivo, aventureiro, viajante ou retirante. Está em busca de outros ares, terras, perspectivas

de vida, modos de ser. Foge do que conhece e busca o que desconhece. Imagina o futuro como negação do passado, surpreendendo-se como o presente. Aventura-se, arrisca-se. Imagina chegar em outro lugar, encontrar outras possibilidades de vida e trabalho, realização e emancipação. Entretanto, desde o momento em que parte, lança-se em uma travessia que não termina nunca, seja quando se derrota, seja quando alcança vitória.

Uns viajam sós, outros com a família. Também há os que se vão com amigos, inclusive desconhecidos. Mas também migram gerações. Cada um leva consigo, em sua vivência e imaginação, pais e filhos, irmãos e irmãs, avós e netos, parentes e ausentes, presentes e remotos. Além das gerações sucessivas que migram, no mesmo tempo, em outros tempos, há a migração imaginária dos que ficam. Escrevem-se cartas, enviam mensagens, buscam notícias, guardam fotografias. Sim, os que ficam na terra, minifúndio, latifúndio, feudo, bairro, povoado, vilarejo, ermo ou páramo, esses também não param nunca de viajar. Permanecem na expectativa, indiferentes ou tensos, alegres ou tristes, inquietos ou desorientados, esperançosos ou resignados, seja pelo que ocorre com os que se foram, seja com o que imaginam sobre eles; seja, ainda, pelas dúvidas e certezas que alimentam sobre si mesmos, lembrados e esquecidos. Sim, tanto os que se vão como os que ficam, todos levam consigo a sensação de uma insondável travessia.

Referência bibliográfica

VISCONTI, Luchino. Trad. de Noêmio Spindola. **Rocco e seus irmãos**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1967.

Resumo

Esse artigo aborda questões sociais e culturais ligadas à problemática da migração através da análise do filme Rocco e seus Irmãos de Luchino Visconti. O filme trata da migração de uma família de Lucania para Milão. Aí estão em causa o sul e o norte, o campo e a cidade, a comunidade e a sociedade.